

A (DES)CONSTRU ÇÃO DO ESTEREÓTIPO BÁRBARO DO HOMEM MEDIEVAL: UMA ANÁLISE DO PERSONAGEM HAGRID DA SAGA HARRY POTTER

Hellen Cavalcante Gomes¹

RESUMO

A falta de uma análise crítica sobre um estereótipo social pode contribuir para sua perpetuação no imaginário popular, isso, somado a generalização e divulgação em massa, faz com que alguns grupos sociais sejam representados de forma fantasiosa e pejorativa. O presente trabalho analisa as recriações medievalistas acerca do gênero a partir de uma investigação das manifestações estereotipadas de uma masculinidade bárbara no personagem Rubeus Hagrid da saga Harry Potter. Para alcance dos resultados, a análise foi estruturada em uma fundamentação teórica de artigos bibliográficos de autores que estudam sobre medievalismos, Idade Média e literatura como Bruno Dumézil e Roberto Pontes, a fim de alinhar a pesquisa com a literatura acadêmica relacionada. A exposição do estereótipo animalesco do homem medieval denuncia a segregação intelectual do bárbaro que quanto mais viril mais distante do padrão normativo civilizatório e à medida que esse imaginário é reproduzido e exposto em grandes veículos de comunicação, mais se torna cristalizado na memória coletiva.

Palavras-chaves: Estereótipo. Masculinidade bárbara. Rubeus Hagrid.

¹ Graduanda em História licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas

(DE)CONSTRUCTION OF THE BARBARIC STEREOTYPE OF MEDIEVAL MAN: AN ANALYSIS OF THE CHARACTER HAGRID FROM THE HARRY POTTER SAGA

ABSTRACT

The lack of a critical analysis of a social stereotype can contribute to its perpetuation in the popular imagination. This, combined with generalization and mass dissemination, causes some social groups to be represented in a fanciful and pejorative way. This work analyzes medievalist recreations of the genre based on an investigation of the stereotypical manifestations of barbaric masculinity in the character Rubeus Hagrid from the Harry Potter saga. To achieve the results, the analysis was structured on a theoretical basis of bibliographic articles by authors who study medievalism and the Middle Ages in order to align the research with related academic literature. The exposure of the animalistic stereotype of medieval man denounces the intellectual segregation of the barbarian who, the more virile he is, the more distant he is from the normative civilizational standard and as this imaginary is reproduced and exposed in major media outlets, the more it becomes crystallized in the collective memory.

Keywords: Stereotype. Barbarian masculinity. Rubeus Hagrid.

1. Introdução

É comum as diversas discussões sobre o conceito de estereótipo e suas formações, autores debatem acerca de seu significado desde o ano de 1922, quando o termo foi oficialmente inserido no campo acadêmico na área das ciências sociais pelo jornalista *Walter Lippmann*. Desde sua primeira aparição, o conceito ganhou notoriedade e foi alvo de diversos estudos relacionados a linguagens em geral. Nesse contexto, Carvalho, Freitas e Ribeiro (2023, p. 3) destacam:

A perspectiva dos estudos do discurso e da análise do discurso, os estereótipos são uma construção de leitura (AMOSSY, 1991), que aparece à luz da ideologia, relacionando-se ao pré-construído (PÊCHEUX, 1975). As estereotipias, por sua vez, aparecem como aquilo que permite naturalizar o discurso, esconder o cultural sob o evidente, isto é o natural. Estereótipos e estereotipias ligam-se, portanto, ao dialogismo genericamente proposto por Bakhtin (1979) e retomado nas noções de intertexto e interdiscurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2020, p. 215-216)

É a partir do conceito de estereotipia dado pelos pesquisadores que a presente pesquisa pautará a análise do personagem Rubeus Hagrid, buscando promover uma relação entre as ideologias construídas a partir de um cenário sócio-histórico que resultam na forma de exposição do imaginário na literatura.

No terceiro capítulo do livro *História da virilidade*, do autor Bruno Dumezil, publicado em 2013 e intitulado como “O universo bárbaro: mestiçagem e transformação de virilidade”, é trabalhado o ideal de masculinidade atribuído pelos romanos aos homens bárbaros. São conferidas características específicas que tornam homem bárbaro viril: Guerreiro, peludo, casto e preguiçoso.

O grande poder de influência romana, foi decisivo para a disseminação desse ideal ilusório que é fixado no imaginário coletivo. Sem escritos próprios sobre sua virilidade, é a perspectiva romana que é mostrada pelos veículos de comunicação e perpetuada como verdade até os dias atuais.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar como o estereótipo da masculinidade bárbara atravessa o período medievo e é representado na produção literária do século XXI. Para isso, far-se-á uma avaliação do personagem Hagrid da saga

Harry Potter (1997–2007)², a fim de dissertar sobre o imaginário de recriação medievalista acerca do gênero.

A pesquisa está dividida em três partes: introdução, desenvolvimento e considerações finais. Na introdução, o leitor será contextualizado sobre o conceito de estereótipo e a percepção romana acerca do que é o bárbaro. O desenvolvimento do trabalho contempla quatro subtópicos, que têm como objetivo apresentar a obra e o personagem analisado, além de exemplificar como as características destacadas por DUMÉZIL (2013) estão presentes na construção da personalidade de Hagrid. As considerações finais trarão reflexões sobre como a literatura carrega marcas históricas para a contemporaneidade, podendo preservar ou desconstruir estereótipos sociais. Essas discussões são baseadas em estudos de autores como Roberto Pontes, Johnni Langer e Pierre Bourdieu.

2. Desenvolvimento

2.1 O imaginário do homem bárbaro

A imagem do bárbaro, originalmente criada para diferenciar os povos de línguas estranhas ao mundo clássico, com o tempo transforma-se em identificação com todos aqueles que não eram cristianizados, e, portanto, colocavam-se fora dos ideais de civilidade e comportamento (LANGER, 2002). Aqui, será analisada a masculinidade bárbara anterior ao século VIII e a mudança de concepção sobre o que seria o padrão másculo ideal e venerável na época, onde valorizava-se características de guerra e bravura.

Rubeus Hagrid é um personagem caracterizado como um bruxo meio-gigante, nascido na floresta do Deão no sudoeste da Inglaterra, foi abandonado por sua mãe na infância e desenvolveu habilidades autossuficientes muito cedo. Aos 11 anos, sua parte bruxa foi identificada e ele entrou para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Foi direcionado para a casa Gryffindor, e permaneceu na escola até o seu terceiro ano quando foi expulso pela acusação falsa de ter aberto a câmara secreta que resultou na morte de diversos estudantes.

Dessa maneira, é como o personagem decide seguir vivendo após a falsa acusação que possibilita enquadrá-lo nos moldes bárbaros medievais, visto que, por consequência

² A saga Harry Potter foi escrita pela escritora britânica Joanne Kathleen Rowling popularmente conhecida como J.K Rowling, a obra é composta por 7 livros, sendo eles *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997), *Harry Potter e a câmara secreta* (1998), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003); *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005); *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007); Todos os livros da saga ganharam adaptações cinematográficas.

da escolha de uma vida reclusa mais próximas das criaturas que dos seres humanos que Hagrid passa a ser enxergado pelos demais personagens de forma animalizada.

2.3 A animalização

Embora os estudantes da conjuntura atual, em especial os da *Gryffindor*, cativassem um grande apego pela figura de Hagrid, ainda assim, o meio-gigante era a típica representação estereotipada de uma transgressão civilizatória: Roupas de couro, pelos em abundância, preguiçoso, bebedor e desprovido de muita capacidade intelectual.

É perceptível, em especial no primeiro livro da saga, que a autora usa configurações de escrita para representar a fala do personagem, a adição de muitas letras e o itálico arrastado, servem para transmitir ao leitor um sotaque interiorano e, acima de tudo, selvagem. A autora não se preocupou em fazer um estudo sobre o dialeto Somerset para imprimir todas as marcas linguísticas desse dialeto na fala de Hagrid (SANTOS, 2010), visto que ao tentar criar um "sotaque" para Hagrid, Rowling recorreu a algumas expressões informais ou palavras que, embora possam ser reconhecíveis como de um dialeto regional, nem sempre têm um vínculo direto com o somerset.

Hagrid, como personagem, possui um modo de falar que remete a um estereótipo de um "homem rude" ou "campesino", com características simples e um pouco rústicas. Esse estereótipo é transmitido por meio de uma linguagem que mistura gírias, erros gramaticais e variações de vocabulário, mas pode não refletir com precisão um dialeto real como o somerset, sugerindo, dessa maneira, que a autora estava mais focada em criar uma imagem do personagem do que em representar um dialeto fiel. Logo, entende-se a exposição do sotaque tendo como base apenas um pré-conceito presente no senso comum, um dos principais pilares para a construção de um estereótipo.

Mesmo sendo bruxo, desde a infância, é alegado nos livros que Hagrid nunca teve aptidão para o ambiente acadêmico, visto que, mesmo quando ainda era estudante do 1º ano de Hogwarts, preferia a floresta à sala de aula. Justifica-se a preferência de ambiente por uma grande "afinidade" que ele tinha com os animais selvagens. Entretanto, ao longo da narrativa, nota-se que essa afinidade desenfreada, é utilizada para animalizar o personagem e deixá-lo cada vez mais semelhante às criaturas com as quais convive.

Essa animalização torna-se bastante evidente quando em sua vida adulta o meio-gigante é posto como guarda-caça do castelo, vivendo, por sua vez, distante da escola e em convívio pleno com os animais da floresta proibida. Quando partimos para uma análise da casa do personagem (figura 1), percebemos que remete às construções medievais, marcada por uma arquitetura romântica adotando uma influência gótica em suas características. A cabana é abrigo também de diversos animais peculiares trazidos da floresta, e o gigante só tem prazer de arrumar o local quando precisa adaptar o ambiente para abrigar alguma criatura mágica (figura 2).

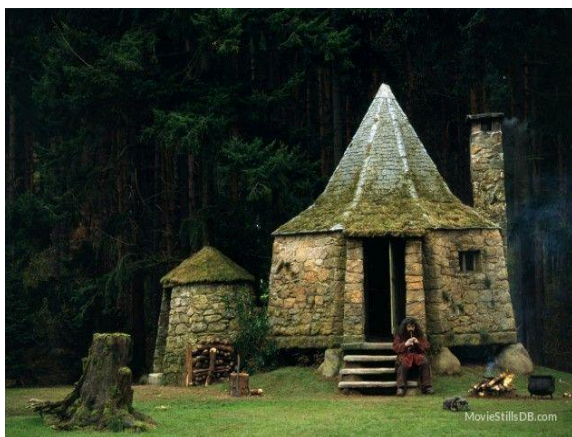


Figura 1 – cabana do Hagrid

Fonte: ArtStation (2020)



Figura 2 – ambiente interno da cabana

Fonte: ArtStation (2020)

No terceiro livro da saga, intitulado como Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban, Hagrid assume o cargo temporário de professor de trato das criaturas mágicas, contudo, é afastado logo depois de sua primeira aula, pois, embora tivesse o conhecimento sobre as criaturas, não possuía o intelecto necessário para ministrar uma aula sobre elas.

Essas construções, tornam evidente como a narrativa foi desenvolvida visando que a proximidade que o personagem tinha com os animais, viesse de um lugar de pertencimento, e não de mera afinidade: eu sei sobre eles porque sou como eles, ajo como eles e vivo como eles. O nível de conexão com os animais era tão profundo que o personagem sofre quase que um processo de metamorfose de espécies.

"Hagrid era um gigante de homem, com uma grande barba, e sua roupa era feita de peles de animais, e parecia que ele poderia quebrar tudo ao seu redor." (ROWLING, 1997, p. 45).; "Hagrid se abaixou até o dragão e falou com ele, como se fosse um animal, com uma calma desconcertante, como se fosse natural para ele tratar de tal criatura." (ROWLING, 1997, p. 56) , "Hagrid começou a comer com uma voracidade que faria qualquer animal invejar, e seus grandes dentes faziam o trabalho de mastigar muito mais rápido do que qualquer ser humano." (ROWLING, 1997, p. 70); "Hagrid era tão grande que parecia uma sombra de um monstro, e sua voz era como um rugido abafado, que parecia vir de algum lugar profundo." (ROWLING, 1997, p. 82). Os trechos presentes no livro Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997), reforçam a ideia de Hagrid associado a uma força bruta, primitiva de uma relação instintiva com as criaturas mágicas e, principalmente, de comportamentos selvagens. Reforçando, ainda mais, o estereótipo animalesco do homem medieval, conforme próximo da bestialidade se distancia do padrão normativo civilizatório.

2.3 Peludo

“O bárbaro permanece próximo a animalidade. Por consequência, ele não pode ser senão peludo. (...) as cabeças barbadas sucedem às testas peludas. A virilidade barbara é pilosa.” (DUMEZIL, 2013). Os pelos não só ajudavam a construir a imagem viril dos bárbaros, mas davam a eles também o rótulo de indomáveis, como animais.

Os pentes, foices e lâminas enterrados com os homens sugerem que a ideia de descuido e rebeldia sobre a aparência dos bárbaros não prevalecia no que de fato era real. Os pelos só eram apreciados juntos aos bárbaros senão a partir do momento em que ele era cuidado (DUMEZIL, 2013). Entretanto, na representação do personagem aqui analisado, é a visão romana que se sobressai sobre a figura.

Os dois grandes personagens de destaques que possuíam barbas e cabelos longos, eram Rubeus Hagrid (figura 3) e Alvo Dumbledore (figura 4), entretanto, a característica transmite algo completamente distinto para cada um. Enquanto Dumbledore, possuía cabelos e barba sempre alinhados e devidamente penteados, remetia uma ancestralidade de sabedoria e respeito; Hagrid, por sua vez, tinha cabelos e barba que “jamais viu um pente” (DUMEZIL, 2013) e sua imagem era vinculada a desleixo. Ele cultivou a aparência durante toda a história e era motivo de comentários e muitas vezes zombaria dos alunos.



Figura 3 – Rubeus Hagrid

Fonte: Pinterest (2019)



Figura 4 – Alvo Dumbledore

Fonte: Pinterest (2015)

2.4 Preguiçoso

“Aos olhos dos estrangeiros, o bárbaro vive do acaso. Sua casa se resume a uma construção de madeira sumária, e sua roupa de pele ou de linho, não apresenta nenhum traço elaborado. (...) Os romanos afirmam que se pode facilmente corromper os bárbaros com um bom vinho, leia-se embriagá-los para reduzi-los à mercê” (DUMEZIL,

2013). Um dos muitos estereótipos bárbaros presentes na personalidade de *Hagrid*, é o da “preguiça gloriosa”, onde associam a masculinidade a esse afastamento de capricho seja doméstico ou estético, para indicar uma que esses valores estão em segundo plano quando se trata de virilidade.

Esse desleixo de preguiça gloriosa é bastante evidente quando se trata do hábito de bebida do personagem que é utilizado por outras figuras para suborná-lo ou conseguir favores com o meio-gigante. É bastante corriqueiro os convites feitos por *Hagrid* ao trio protagonista para beber cerveja amanteigada em sua cabana, algo que era estritamente proibido pela regulamentação da instituição, mas se concretizava com frequência e terminava com o personagem dormindo embriagado (Figura 5 e 6).



Figura 5 – Hagrid bebendo cerveja
embriaguez

Fonte: Pinterest. (2015)



Figura 6 – Hagrid dormindo de embriaguez

Fonte: Pinterest. (2015)

3. Considerações finais

Roberto Pontes (2001) quando desenvolve a teoria da residualidade trabalha como concepções passadas permanecem fixas e influentes na cultura da sociedade contemporânea e por consequência, em suas produções. Sob essa perspectiva, discorre sobre como aspectos culturais e sócio-históricos da sociedade atual estão, frequentemente, atravessados por ideologias anteriores ao período em que vivemos.

Ao analisar o personagem *Hagrid*, nota-se a presença desses resíduos medievais, em especial acerca da masculinidade bárbara, como traço predominante da personalidade da figura. Vale salientar também, que quando se fala de masculinidade bárbara, fala-se da visão do imaginário europeu sobre esses povos, muitas vezes distintos da realidade e coberto por preconceito colonial.

A aparição desses resíduos na literatura contemporânea reforça a tese de Pontes quando ele afirma que “na cultura e na literatura nada é original. Tudo é residual.”

(PONTES, s/d, p. 1), comprovando ainda que o passado é um traço decisivo para se explicar o presente, visto que, influencia diretamente em sua construção.

A literatura produzida em determinado período vai refletir, na maioria das vezes, aspectos da sociedade onde ela foi produzida e está sendo consumida. As representações estereotipadas de gêneros quando são expostas e bem aceitas em obras literárias, denuncia a naturalização desse imaginário pela população. Bourdieu, em sua teoria do campo social e do capital simbólico, explora como as práticas culturais, incluindo a literatura, não apenas refletem, mas também reforçam as estruturas de poder existentes. A literatura, portanto, pode ser vista como um meio de perpetuar estereótipos e normas sociais, incluindo as noções de gênero, ao naturalizar certos papéis e expectativas.

As recriações da era medieval são constantes nas produções da contemporaneidade, algumas delas estão repletas de imaginários fantasiosos sobre elementos do período. O mundo em que vivemos atualmente encontra-se repleto de imagens fantasiosas sobre o passado, estereótipos muito bem estruturados na sociedade que dificilmente conseguem ser eliminados (LANGER, 2002). A falta de uma análise crítica sobre um estereótipo social, pode contribuir para sua perpetuação no imaginário popular, isso, somado a grande generalização e divulgação em massa, fazem com que alguns grupos sociais sejam representados de forma ilusória e pejorativa. Muitos dos estereótipos de gênero tiveram origem na Idade Média e ainda tem influência nos dias atuais.

O personagem analisado é um exemplo de como o estereótipo da masculinidade bárbara ainda está presente nas grandes produções do século XXI, a forma como a narrativa foi conduzida, trazendo aspectos selvagens para a personalidade de Hagrid, confirma como a percepção romana de segregação intelectual entre o bárbaro e o civilizado continuam presentes desde o século V.

Referências

AMOSSY, Ruth. Os estereótipos e o discurso: a circulação dos clichês na mídia e na literatura. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (orgs.). **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DE CARVALHO, Carla Severiano; DE FREITAS, Geisa Fróes; RIBEIRO, Jocenilson. Processos de estereotipia: política, turismo e gênero. **Revista do GELNE**, Natal, v. 25,

n. especial, p. e32216, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/32216>. Acesso em: 11 abr. 2025.

DUMÉZIL, Bruno. O universo bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). **História da virilidade**. v. I. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 123-151.

LANGER, Johnni. Os vikings e o estereótipo do bárbaro no ensino de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, p. 85-98, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1975.

PONTES, Roberto. Residualidade e mentalidade trovadorescas no Romance de Clara Menina. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 3., 1999, Rio de Janeiro. **Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001. p. 513-516.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. São Paulo: Rocco, 1997.

SANTOS, Caroline Reis Vieira et al. A tradução da fala do personagem Hagrid para o português brasileiro e português europeu no livro **Harry Potter e a Pedra Filosofal**: um estudo baseado em corpus. 2012. Trabalho acadêmico não publicado.